

Sobre viver: como as letras de crioulo refletem e refratam o adoecimento mental em meio ao contexto neoliberal

Marco Resende Rapeli¹

Resumo

O artigo investiga, a partir do cenário da saúde mental no Brasil, como a agenda neoliberal promove uma abordagem individualista dos problemas e caminha para uma recusa da mediação política nos debates, conforme discutido por Richard Miskolci. Argumenta-se que essa perspectiva desloca os debates de saúde mental do coletivo para o privado - dificultando a mobilização social - através da lente de Mark Fisher, e é enfatizado que o realismo capitalista trata as doenças mentais como inevitáveis e despolitizadas, ignorando suas raízes socioeconômicas. Utilizando as letras do rapper Crioulo como objeto empírico, o artigo demonstra, além de como a arte pode revelar e resistir a essas dinâmicas, que a coletivização das experiências de sofrimento e resistência nas periferias urbanas pode oferecer novas formas de entender e enfrentar os desafios da saúde mental.

Palavras-chave

Música, Poética, Resistência, Coletivização, Estudos culturais, Saúde mental

Corpo do trabalho

Problemas e questões relacionados a várias dimensões da saúde mental da população, seus aspectos emocionais e discussões sobre a governança de seus cuidados estão ativas no debate público. A título de exemplo, no final do ano de 2023 o Congresso Nacional aprovou um projeto de lei de saúde mental nas escolas, que criou uma política de atenção psicológica e social nos ambientes escolares (AMARAL, FREITAS e QUARTIERO, 2023).

Com isso, estudantes e seus responsáveis, além dos próprios profissionais da educação, passam a se beneficiar de tratamentos para sintomas de sofrimento emocional

¹Doutorando em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM, Mestre em Comportamento Consumidor pelo MPCC-ESPM e Comunicólogo pela ESPM-SP; Pesquisador no Grupo de Pesquisa MNEMON (Memória, Comunicação e Consumo). Bolsista do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROSUP-Taxas) E-mail: marco.rapeli@gmail.com.

e adoecimento mental - mostrando algum avanço nas instituições públicas e governamentais quando o assunto é o tratamento e a responsabilização do sofrimento mental da população.

Ao mesmo tempo, dilemas essenciais se colocam perante a essa questão, principalmente nas discussões pós-reforma psiquiátrica - processo que teve início nos anos 1960 e o auge no início dos anos 2000, e que propôs uma revisão no modelo então vigente - centralizado em hospitais psiquiátricos - e que buscou humanizar o tratamento de pessoas com transtornos mentais, promovendo a desinstitucionalização, a luta antimanicomial e a integração social por meio da criação de serviços comunitários (SENADO NOTÍCIAS, 2021).

Desde então, estamos tendo a oportunidade de assistir a uma disputa ideológica sobre a efetividade de diversos modelos, principalmente entre os psicoterápicos - guiados pela psicologia e psicanálise, e o próprio modelo pautado na medicação - hoje, protagonizado pela indústria farmacêutica.

Entretanto, o adoecimento mental e emocional da população cada vez mais é pauta e objeto de preocupação por parte de profissionais, estudiosos, pesquisadores da área e representantes do poder público que notam os índices crescentes de problemas relacionados a depressão, à ansiedade e outros sintomas. Em 2009, por exemplo, a OMS já alertava que em 2030 - 21 anos depois - a depressão seria a doença mais comum do mundo (G1, 2009).

A própria pandemia de Covid-19 foi um agravante para esse complexo cenário. Em 2023, dados da Organização Panamericana de Saúde revelaram que países do continente americano registraram um aumento de mais de 30% nos diagnósticos de transtornos de ansiedade (32%) e depressão (35%) durante a pandemia de COVID-19 (EXAME, 2023).

Fatores como o isolamento, exposição a riscos, crescimento do desemprego, a insegurança financeira, luto e saudade, preocupação constante, e a própria consciência do momento histórico vivenciado são pontuados nesta pesquisa.

O resultado prático disso é uma outra epidemia: a da medicação. Segundo pesquisa da Fiocruz (2024), quando os períodos pré e pós pandemia são comparados, há um aumento considerável no consumo de fármacos voltados para o tratamento de sintomas emocionais. A pesquisa analisa que "medicamentos que tiveram maior aumento percentual de consumo foram Clonazepan, para ansiedade, com aumento de

75,37%; e Carbonato de lítio, que tem como principal uso o tratamento do transtorno de bipolaridade, com aumento de 35,35%" (FIOCRUZ, 2024).

Este aumento do uso de fármacos para o tratamento de sintomas psiquiátricos vem sendo notado, inclusive de medicamentos com potencial de dependência, em um sintoma da individualização dos cuidados e fruto de esforços de comunicação que ignoram os contextos coletivos dos cuidados, e colocam os cuidados em uma lógica de consumo, individual e pessoal.

A saúde mental é um problema coletivo. Um assunto de saúde pública. Inclusive por isso, hoje, o Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS) conta com unidades de atenção psicossocial que buscam acessibilizar acompanhamentos, tratamentos e terapias para diversas doenças e transtornos referentes à saúde mental e emocional da população - como depressão, sintomas de ansiedade e de humor, transtornos psicóticos e dependências químicas - gratuitamente. Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) também atuam no acolhimento às situações de crise, nos estados agudos da dependência química e de intenso sofrimento psíquico (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2024).

Mas, ainda que a ciência junto ao poder público forneça alguns meios para atenuar o sofrimento da população acometida por essas doenças e transtornos, a incidência de pessoas que sofrem desses males segue crescente, sugerindo que, mesmo que a gama mais tradicional de tratamentos disponíveis possa trazer algum alívio, a cultura, a sociedade e a coletividade podem ter um papel na causa e na origem dos sofrimentos.

À Folha de São Paulo (2024), na reportagem "É preciso afirmar a dimensão coletiva da saúde mental", Asth afirmou a impossibilidade de tocar na temática da saúde mental ignorando assuntos como direitos humanos e condições sociais básicas, já que o sofrimento teria uma relação direta injustiças sociais, nas relações de trabalho cada vez mais fragilizadas, entre outros fatores.

No Brasil, por exemplo, chama a atenção a desigualdade racial em seus mais variados ramos. O Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (2024), revelou que, segundo pesquisa do ano de 2022, homens negros morrem 4 vezes mais do que brancos em vias públicas por disparos de arma de fogo, o que além de expor a maior fragilidade física da população racializada, também sugere maior exposição à violência, insegurança, medo, entre outros sentimentos que afetam a saúde mental desse grupo social.

A substituição da agenda coletiva pela privada e individualista como sintoma do neoliberalismo.

Se o discurso neoliberal tem como base as liberdades individuais, uma decorrência (e uma estrutura) natural desse sistema ideológico é a co-dependência de uma dinâmica individualista, ou o que Richard Miskolci (2021) chama de Batalhas Morais, conceito que procura chamar a atenção para o fato de alguns debates identitários estarem ocupando o debate público a partir de uma lógica neoliberal e individualizante em detrimento de uma dimensão coletiva das lutas sociais relacionada, por exemplo, à construção de consensos em torno de políticas públicas.

As próprias mídias sociais digitais atuam como palco para tais batalhas morais, com perspectivas reducionistas sobre desigualdades estruturais e uma dicotomia algoz-vítima que simplifica as relações sociais. Dentro do campo da saúde mental, o meme "Vai se tratar garota", bordão oriundo da letra da música com esse nome, de MC Don Juan, MC Davi e MC Pedrinho, para diversos contextos humorísticos ou não, dentro do campo de relacionamentos (contexto da música originária) ou não.

Miskolci afirma que "o ativismo que promoveu políticas da diferença baseadas em identidades e, por conseguinte, em demandas de visibilidade e voz apenas para aquelas e aqueles que enfrentam uma injustiça social, enfraquece os meios para a organização coletiva" (MISKOLCI, 2021, p. 70). Miskolci, citando Pecheny (2010), ainda avança, no sentido de que tal subjetivação pode causar erosão em qualquer possibilidade de coletivização, individualizando as demandas.

O que Richard Miskolci entende nesse processo é justamente a transferência da agência dos debates para o campo individual, negando e reduzindo a agência política e coletiva: "a recusa de mediações que caracteriza a esfera pública técnico-mediatizada também alcançou a área acadêmica ou, de forma mais acurada e provável, reforçou mitos políticos preexistentes dentro de alguns de seus segmentos." (MISKOLCI, 2021, p. 74)

Vale destacar aqui que o objeto de estudo de Richard Miskolci não é o adoecimento mental, e sim as questões de gênero e identitárias. Mas o contexto da saúde mental sob essa lente foi investigado e trabalhado por Mark Fisher (2020), que traz a perspectiva não-individualista para esse problema, somando o invólucro do sistema, da cultura e das bases estruturais do capitalismo na bandeja do discurso

neoliberal como um fator importante a ser considerado nesse assunto.

Para Fisher (2020), no livro "Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?", "o realismo capitalista insiste em tratar as doenças mentais como se fossem um fato natural, tal como o clima. [...] Mas o que é preciso agora é politizar transtornos muito mais comuns. Na verdade, a questão é justamente que sejam cada vez mais comuns" (Fisher, 2020, p. 37).

Dessa forma, Mark Fisher sugere que, ao invés de atribuir aos indivíduos eles próprios como os únicos indivíduos responsáveis por lidarem com suas próprias questões psicológicas e mentais e, assim, tornando-se anuentes com uma individualização e privatização do estresse que vem ocorrendo,

"precisamos perguntar: quando se tornou aceitável que uma quantidade tão grande de pessoas, e uma quantidade especialmente grande de jovens, estejam doentes? A 'epidemia de doença mental' nas sociedades capitalistas deveria sugerir que, ao invés de ser o único sistema que funciona, o capitalismo é inerentemente disfuncional, e o custo para que ele pareça funcionar é demasiado alto" (Fisher, 2020, p. 37)

Compreender que o coletivo e o social são instâncias absolutamente presentes na esfera pessoal e individual é o alicerce deste artigo. Essa ideia também é possível de ser encontrada em discussões da filosofia da linguagem, no momento em que compreendemos que a linguagem é o veículo das relações humanas. Bahktin (1988) é um dos teóricos que trouxe luz a esse olhar.

Essa ótica é essencial para, além de permitir uma nova perspectiva para as causas do adoecimento mental e de sintomas negativos nas emoções humanas, também trazer novos desdobramentos possíveis para as lutas e movimentações em direção às curas ou redução desses acometimentos.

Ainda analisando as contribuições de Bahktin, no campo da linguagem, para as vivências coletivas e, portanto, pouco ou nada individuais, destacamos aqui o momento em que o autor aterrissa a sua teoria de que não há linguagem sem a concepção coletiva - e pouco (ou nada) individual, através da análise sobre a consciência da fome pelos indivíduos, um problema endêmico da sociedade.

Bahktin comenta que a um indivíduo tomar consciência sobre a fome, "a atividade mental desse indivíduo isolado, sem classe, terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas, cuja gama pode ser bastante extensa: a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental" (BAHKTIN, 1988, p. 118).

No entanto, a mesma fome experimentada por pessoas coletivizadas, em meio a outras que passam pela mesma condição, "nesse caso, dominarão na atividade mental as tonalidades do protesto ativo e seguro de si mesmo; não haverá lugar para uma mentalidade resignada e submissa. É aí que se encontra o terreno mais favorável para um desenvolvimento nítido e ideologicamente bem formado da atividade mental" (BAHKTIN, 1988, p. 118).

A coletivização do problema e da solução: uma perspectiva social

Na noite de doze de junho de 2018, em uma livraria localizada na Galeria Metrópole, no centro da cidade de São Paulo, um evento que contou com Guilherme Boulos - psicanalista e Mestre em Saúde Mental, Tales Ab'Saber - psicanalista, e Maria Rita Kehl - também psicanalista - denominado "A luta que cura: função terapêutica dos movimentos sociais", discutia exatamente esse ponto focal sobre o adoecimento (e a cura) mediada pelas desigualdades sociais e os movimentos por justiça e igualdade, dos mais diversos.

Dessa forma, os desdobramentos de óticas que incluem a influência do meio dentro do invólucro das causas ou soluções para o adoecimento mental compõem uma intersecção investigada e estudada por pesquisadores da área da saúde mental.

É o caso, por exemplo, da dissertação de mestrado de Guilherme Boulos (2016). Nessa pesquisa, Boulos analisa o adoecimento mental a partir dos membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o MTST que, ao menos na época do trabalho, era o maior movimento popular urbano no Brasil, surgido em 1997 com a finalidade de organizar trabalhadores que não possuem casa na luta e requisição pelo direito à moradia - direito garantido pela constituição - com articulação e organização em onze estados e que reunia mais de trinta mil famílias em ocupações.

Como resultados de sua pesquisa, Boulos (2016) revelou a existência de uma relação entre a participação nas ocupações de sem-teto estudadas e a redução do índice de sintomas depressivos e ansiosos. Essa redução se associa com diversos fatores, tais como a ampliação das relações sociais, o reconhecimento e o acolhimento, resgate da autoestima, vínculos construídos e sensação de pertencimento a grupo. (BOULOS, 2016, p. 96).

Da mesma forma, o isolamento dos sujeitos também permitiu supor a relação de índices elevados de sintomas depressivos, o que corrobora com o título da palestra que

contou com a participação do pesquisador dois anos depois da publicação de sua pesquisa: a luta pode curar.

Fisher (2020) acrescentaria à conclusão de Boulos afirmando que a questão central é que, mesmo que seja verdadeira a tese de que a depressão seja constituída por baixos níveis de serotonina, o que ainda restaria de ser elucidado seriam exatamente os motivos pelos quais as pessoas em determinadas situações sejam acometidas por essa redução, o que fatalmente requer uma explicação que passe pela seara político-social, portanto coletiva, em um processo de repolitizar a saúde mental.

2. O pulso cultural do problema nas letras de Criolo

A arte, em suas mais variadas formas e expressões, atua como um reflexo das realidades sociais, emocionais e políticas de uma época, de um lugar e de um contexto social. Dentro desse cenário, a música se destaca por sua capacidade de capturar e comunicar as vivências humanas de maneira profunda, e os artistas, ao traduzirem suas experiências e observações em letras, fornecem um retrato íntimo e bastante vinculado às dinâmicas coletivas e individuais em que as culturas e as sociedades estão imersas.

Ou seja, a música pode fornecer um objeto possível para os Estudos Culturais. E no Brasil, a música de artistas periféricos, como Criolo, emerge não apenas como entretenimento, mas como uma forma de resistência e narrativa de luta. As letras de suas músicas, repletas de referências à realidade, à luta e à resistência das comunidades marginalizadas - porém coletivizadas - oferecem uma importante janela para compreender como o adoecimento mental e emocional se manifesta e é enfrentado nas periferias urbanas.

Assim, se a questão coletiva é um possível ambiente propício tanto para o surgimento ou alívio de sintomas do adoecimento e de sofrimento mental ou emocional das pessoas, como isso aparece dentro desse elemento cultural que pode servir como pulso do que ocorre na sociedade a partir do sentimento das pessoas, como é a música?

Dessa maneira, o objetivo desse artigo é investigar, a partir desses referenciais, como a obra de Criolo traz, em diferentes letras de músicas, sob diversas maneiras e em variados contextos, as questões de adoecimento social no contexto neoliberal, embebido na lógica de luta de classes e diferenças socioeconômicas, vivida de maneira especialmente intensa e sofrida pela população residente na periferia de grandes centros

urbanos, como é o caso da cidade de São Paulo.

Como dispositivos metodológicos, o artigo traz uma análise de conteúdo das letras do cantor nas músicas presentes em dois álbuns distintos. O primeiro é o *Convoque Seu Buda* (CRIOLO, 2014), e o outro se trata do álbum *Sobre Viver* (CRIOLO, 2022).

São obras com propostas e possivelmente com linguagem rítmica e gêneros distintos, mas com possibilidades de lentes e olhares para problemas coletivos, vividos por pessoas e grupos que vivem em meio a situações de vulnerabilidade social, sobretudo em regiões periféricas de grandes metrópoles.

Kleber Cavalcante Gomes, nome de batismo de Criolo, é nascido e criado na periferia da cidade de São Paulo, e possivelmente traz realidades que são da própria biografia, história de vida e trajetória, e que podem estar, aqui ou ali nas letras de maneira mais fiel à realidade da cidade.

Mas, ainda assim, a proposta do artigo é entender que, sob um determinado recorte, as questões relativas ao papel coletivo no adoecimento (e no tratamento do sofrimento) mental são factíveis, e aparecem nas letras de músicas que procuram fazer uma fotografia do cenário de vulnerabilidade social fomentado pelo capitalismo e discurso neoliberal.

Em tempo, o artigo presente não tem como finalidade desmontar, relativizar ou desacreditar as modalidades terapêuticas oferecidas hoje pelas ciências farmacêuticas, psicológicas, psicanalíticas ou de qualquer outro campo do conhecimento. Na verdade, a proposta aqui apresentada é trazer um diálogo entre as já citadas teorias sociais que politizam o sofrimento e o tratamento dos transtornos e doenças mentais presentes e crescentes na sociedade hoje com letras de músicas que podem ilustrar esse cenário.

Ao longo dos próximos subtítulos, buscaremos entender os contextos nos quais doenças, sintomas ou transtornos são explicitamente trazidos pelo rapper, traçando diálogos possíveis com os teóricos já referenciados.

Convocando Buda

A primeira música - "Convoque seu Buda", do álbum de mesmo nome lançado em 2014 já começa com um retrato cru das realidades periféricas. Grajaú, bairro que o rapper nasceu e cresceu, é colocado como um lugar sem fantasia, como a dos videogames, portanto palco de realidades duras e sem pintura. "Aqui não é GTA, é pior: é Grajaú." (CRIOLO, 2014), é o verso que sustenta essa antítese.

Sublinhando a brutalidade da vida na periferia, onde a violência e a pobreza são constantes, Criolo estabelece o alicerce para uma fotografia da vida em contexto de marginalização social. Se Braun (2024) comenta que o medo e a insegurança encabeçam as preocupações dos brasileiros, desencadeando sofrimentos mentais e doenças físicas, é possível estabelecer que o medo da violência é não é problema individual, e sim sistêmico.

Criolo desafia implicitamente a narrativa da saúde mental e das doenças mentais como responsabilidade privada e individual ao mostrar como as experiências de sofrimento são comuns e compartilhadas entre moradores da periferia: a frase "ao trabalhador que corre atrás do pão, é humilhação demais que não cabe nesse refrão" (CRIOLO, 2014) dialoga com o exemplo da fome por Bahktin (1988), que exemplifica o sentimento de humilhação como uma consequência da experiência da fome não coletivizada.

Seguindo, o verso "Sonhos em corrosão, migalhas são. Como assim bala perdida? Um corpo caiu no chão" (CRIOLO, 2014), mais do que destacar como a violência, o medo e a insegurança atuam na contra-mão de esperanças, sonhos e aspirações das pessoas, pode sugerir aqui, nessa análise, a perversão do discurso do poder público em relação às atuações das polícias, o que também transfere a responsabilidade do sofrimento para os indivíduos, isentando a ação do Estado na causa dele.

Por fim, a frase "Num trago pra morte, cirrose de depressão", que conecta o uso de álcool como uma tentativa de escape da depressão, sugere o abuso de bebida alcoólica como consequência de sintomas depressivos. Isso conecta-se com Boulos (2016), que comenta em sua pesquisa que a identificação pelos participantes das motivações de sua depressão possui destaque para a separação conjugal, frustrações nos relacionamentos e relações com alcoolismo, drogas, infidelidade ou agressões (BOULOS, 2016, p.71).

Portanto, se Fisher sugere que o neoliberalismo privatiza o sofrimento mental, transformando-o em uma questão individual a ser medicada e tratada de forma isolada, Criolo conecta duas doenças distintas (dependência química e depressão) e, ainda, expõe essa dinâmica ao falar sobre como a depressão pode inclusive ser planejada como forma de o neoliberalismo vender produtos e garantir sua perpetuidade: "Depressão é peste entre os meus, plano perfeito pra vender mais carros seus" (CRIOLO, 2014.)

Em outra mão, se Miskolci (2021) argumenta que o neoliberalismo promove uma agenda privada que desconsidera a coletividade dos problemas, e que portanto fomenta um comportamento de escracho individual que recusa mediações, sobretudo na esfera técnico-mediatizada, Criolo, em *Convoque seu Buda*, alude à mesma condição de Batalhas Morais estudada por Miskolci.

Para ilustrar, no verso "mudar o mundo do sofá da sala, postar no 'insta', e se a maconha for da boa, que se foda a ideologia" (CRIOLO, 2014), podemos associar uma crítica à militância alienada e descontextualizada dos reais problemas da periferia, buscando apenas composição identitária.

O poder como ator e fator

Em uma linha próxima, "Sétimo Templário", do álbum *Sobre Viver*, oferece uma crítica incisiva do papel do poder político (e do próprio contexto neoliberal) na perpetuação da desigualdade e do sofrimento mental.

A frase "Um presidente que diz 'plau' e depois pergunta 'isso é matança?'" (CRIOLO, 2022) evidencia uma insensibilidade e uma brutalidade do Estado em relação à violência policial e ao genocídio da juventude negra. O mesmo cinismo e sarcasmo visto em *Convoque seu Buda* aparece aqui, sugerindo novamente a questão da isenção estatal e policial em relação aos problemas que podem ser a causa dos sofrimentos vividos.

A letra revela essa dinâmica ao criticar a hipocrisia do poder público, na frase "Patrimônio do Brasil é o futuro da criança / Nossa maior riqueza é o sorriso da criança / Slogan do governo é 'vou cuidar dessa criança / Mas se ver a pele preta vai matar essa criança." (CRIOLO, 2022), trazendo uma camada a mais ao cinismo e ao sarcasmo do discurso: a do racismo e de um sofrimento ainda maior para a população racializada.

Ao fim da música, a referência à depressão como "inquilina morta de fome" (CRIOLO, 2022) traz a onipresença do sofrimento por parte da população periférica, novamente nos remetendo à inviabilidade proposta por Fisher de os discursos neoliberais ao tratar a depressão e as doenças mentais como uma questão pessoal, desconsiderando os fatores sociais e econômicos que circundam as pessoas por meio do contexto.

Criolo, ao contrário, mostra como a depressão é uma resposta às condições de vida injustas e desumanas impostas pelo poder. O último verso de *Sétimo Templário*

traz essa onipresença dessa condição na sua própria condição, como um testemunho autobiográfico: "De solidão aqui jaz Kleber, na depressão Criolo caminha" (CRIOLO, 2022).

O Rap salva

A música "Sobre Viver", que encerra o álbum e dá o nome ao disco, propõe uma narrativa de resistência e sobrevivência frente às adversidades sociais que casa com a trazida em "Diário do Kaos". Em "Mais um dia, inanição na depressão do dia / Mais um dia de informação ele se alfabetiza / Mais um dia, mais um sonho solto na avenida / Mais um dia preto, um preto sangue escorre na avenida" (CRIOLO, 2022), coloca o sofrimento mental como rotina, lado-a-lado com a violência e a desesperança. Essa dualidade nos sugere a íntima ligação do contexto social com a doença mental.

Em "Diário do Kaos", a primeira faixa do álbum Sobre Viver, por outro lado, Criolo explora como a música (e o rap) pode servir como um meio de resistência e salvação para esses sujeitos marginalizados e sob condições de vulnerabilidade social extrema.

A frase "Tudo o que te leva à depressão, à quase morte, o Rap salva / O Rap é o mundo, esperança" (CRIOLO, 2022) destaca essa sugestão do papel do rap como uma ferramenta de escape e sublimação dessas condições. Aqui, essa ideia se aproxima novamente da ideia proposta por Bahktin (1988) sobre a coletividade e a vivência coletiva como maneiras de vivenciar os problemas, a opressão, a violência e os mal-estares com menos sentimentos negativos.

Os outro verso, como "Pra desabafar meu rap vai me levar / Aos confins do mundo pra dizer / Que só amor pode te afastar do canhão, de um doze, de um tiro, de uma arma, de uma desilusão" (CRIOLO, 2022) reforçam essa mensagem de que a música pode ser não somente uma forma poderosa de cura dos sintomas, mas também uma ferramenta de transformação social que ocupa lugares onde tradicionalmente o crime organizado costuma ocupar.

A letra sugere que o rap não apenas salva vidas ao oferecer uma saída da criminalidade, mas também ao criar uma comunidade de apoio e solidariedade, coletivizando a vivência. A frase "Aqui quem fala é um sobrevivente, Pai / A música vem e me traz emoção" (CRIOLO, 2022) propõe inclusive uma inversão nos sentimentos negativos tradicionais da depressão.

Conclusões e considerações finais

Há uma similaridade possível no conteúdo das letras de Criolo e na obra de Mark Fisher. Para além do conteúdo crítico e objetos similares que permitiram o diálogo entre a teoria social com as letras de rap, o conteúdo testemunhal e autobiográfico também é um diálogo entre os dois autores. Mark Fisher, na obra citada neste artigo, traz um relato sobre a própria jornada de viver sob sofrimento emocional e sintomas depressivos, o que o próprio autor acredita ter como causa o ambiente cultural e social do contexto neoliberal e do sistema capitalista.

Fisher analisa que, tanto a incidência como também a gravidade dos episódios depressivos diminuíram com o passar do tempo, e afirma que a melhora teria a ver com uma distinta compreensão que chegou sobre sua própria condição depressiva e suas causas, "em apoio à tese de que muitas formas de depressão são melhor compreendidas - e combatidas - por meio de quadros analíticos impessoais políticos, e não individuais e 'psicológicos' (Fisher, 2021, p. 137).

Da mesma maneira, Criolo em suas letras também sugere aludir uma linguagem com tons autobiográficos, seja quando cita seu nome em algumas letras, ou mesmo quando traz o nome do seu bairro de origem em outras. As músicas têm em suas letras, elementos que passam a percepção de estarem falando sob uma perspectiva interna, com conhecimento de causa.

Por um infortúnio, os dois destinos - separados por tantas variáveis, como lugar de origem, etnia, história de vida e a própria natureza da produção profissional - não tiveram o mesmo final: Mark Fisher tirou a própria vida como consequência de uma crise depressiva, em um episódio fatal que pode confirmar seu objeto de estudo na obra citada nesse artigo ou, no mínimo, explicar seu interesse no tema.

Criolo, por outro lado, segue vivo, hoje com a mesma idade que Fisher tinha quando faleceu: 48 anos. Kleber - nome de batismo do autor e artista - jaz em sua própria trajetória vítima de solidão, enquanto Criolo - o nome que escolheu para assinar sua criação musical e seguir adiante - caminha, segundo a canção, em meio a depressão.

No entanto, o próprio ato de sobreviver do artista, similar a tantas outras maneiras encontradas por outras pessoas, por meio da música, da criação artística e do envolvimento coletivo com os problemas e com as lutas de grupos sociais contra as adversidades impostas pelo sistema capitalista, que utiliza como veículo o discurso

neoliberal, parece ser uma saída ou um escape possível para esse sofrimento, além de possibilitar, ao gerar identificação, que outras pessoas possam se sentir coletivizadas.

O próprio nome de um dos discos cujas músicas foram citadas aqui - Sobre Viver (2022), sugere o ato de sucumbir das condições quase mandatórias que são consequências das dinâmicas de segregação, violência, opressão e marginalização social que determinados grupos sociais estão sujeitos - ou mais expostos que outros - no contexto neoliberal.

Se, para Miskolci, a transferência da agenda política das lutas, pautas identitárias e requisições para a agenda individual e particular geram batalhas morais e transformam outras vítimas em algozes, sendo uma dinâmica contraproducente nas requisições sociais e lutas coletivas, encosta exatamente na provocação (e na sugestão) de Mark Fischer de repolitizar a saúde mental, desindividualizando a causa e, por conseguinte, também retirar a única responsabilização pelo adoecimento ou tratamento dos transtornos e doenças mentais dos indivíduos.

Ainda que a música, a poesia e outras formas artísticas - como o Rap para Criolo - possam funcionar como alívio e ferramenta para lidar com essas questões, oferecendo um recipiente para identificação e coletivização, é necessário e importante questionarmos-nos como de fato politizar esse debate, transbordando a questão ainda mais, para que os agentes desse debate sejam, para além dos sujeitos que sofrem, também as políticas públicas, tão responsáveis por criarem um terreno fértil para o adoecimento mental, quanto capazes de criar meios para atenuá-lo.

Por fim, neste equilíbrio entre testemunhos pessoais e críticas sociais, tanto Criolo como Fisher sugerem que a saída para os sofrimentos mentais começam por via da coletivização das lutas e da repolitização da saúde mental, desafiando o isolamento imposto pelo neoliberalismo, fazendo coro com o que Miskolci analisa sobre a política identitária e a redução da mediação política nesse mesmo contexto.

Referências

AMARAL, T.; FREITAS, R.; QUARTIERO, M. F. R. **Mais próximos de um futuro com saúde mental nas escolas**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/saude-em-publico/2023/12/mais-proximos-de-um-futuro-com-saude-mental-nas-escolas.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa>. Acesso em: 08 de junho de 2024.

ASTH, F. **É preciso afirmar a dimensão coletiva no debate sobre saúde mental.** 2024.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/saude-em-publico/2024/01/e-preciso-afirmar-a-dimensao-coletiva-no-debate-sobre-saude-mental.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1988.

BOULOS, G. C. **Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRAUN, J. **De úlcera a problemas de fertilidade: como constante medo da violência afeta a saúde dos brasileiros.** 2024. Acesso em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/01/de-ulcera-a-problemas-de-fertilidade-como-constante-medo-da-violencia-afeta-a-saude-dos-brasileiros.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

CRIOLO. **Convoque Seu Buda.** São Paulo: Oloko Records, 2014. 1 CD (40 min).

CRIOLO. **Sobre Viver.** São Paulo: Oloko Records, 2022. 1 Vinil (38 min).

EXAME. **Ansiedade e depressão crescem mais de 30% no continente americano.** 2023.

Disponível em:

<<https://exame.com/ciencia/ansiedade-e-depressao-crescem-mais-de-30-nas-no-continente-americano/>>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

FIOCRUZ. **Pesquisa aponta aumento do uso de psicofármacos na pandemia.** 2024.

Disponível

em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-aponta-aumento-do-uso-de-psicofarmacos-durante-pandemia/>>. Acesso em: 07 de junho de 2024.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?.** São Paulo: Autonomia Literária, 2020. HOBBS, Thomas.

G1. **Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, diz OMS.** 2009. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1289791-5603,00-DEPRESSAO+SERA+A+DOENCA+MAIS+COMUM+DO+MUNDO+EM+DIZ+OMS.html>>. Acesso em: 07 de junho de 2024.

IEPS: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde. **Homens negros morrem 4 vezes mais do que brancos em vias públicas por disparos de arma de fogo, revela Boletim Çarê-IEPS.**

Disponível em:

<<https://ieps.org.br/homens-negros-morrem-4-vezes-mais-do-que-brancos-em-vias-publicas-por-disparos-de-arma-de-fogo-revela-boletim-care-ieps/>>. Acesso em: 09 de junho de 2024.

MISKOLCI, R. **Batalhas Morais: Política identitária na esfera pública técnico-midiatizada.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PECHENY, M. **Political Agents or Vulnerable Victims? Framing Sexual Rights as Sexual Health in Argentina.** In: AGGLETON, Peter; PARKER, Richard (Eds.). *Handbook of Sexuality, Health and Rights.* New York: Routledge, 2010. p. 359-369.

20º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA

FLY ME TO THE MOON!

Dos independentes aos algoritmos

From independents to algorithms

MuSiMid
Centro de Estudos
em Música e Mídia

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**. 2024. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/atencao_basica/index.php?p=204204>. Acesso em: 08 de junho de 2024.

SENADO NOTÍCIAS. **Após 20 anos, reforma psiquiátrica ainda divide opiniões**. 2021.

Disponível

em:<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/06/apos-20-anos-reforma-psiquiatria-ainda-divide-opinioes>>. Acesso em: 08 de junho de 2024.